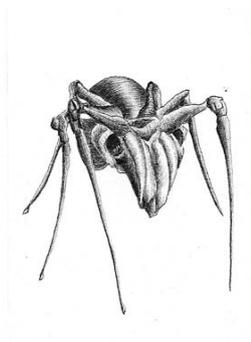




dossier 68







maio de 1968 é anarquia

acácio augusto

A sociedade moderna ama as datas comemorativas: dezoito anos disso, cinqüenta anos daquilo, noventa anos daquele outro. Obcecada por marcar o tempo, explicita seu desejo por conservar, por manter as coisas como são: expressa seu pavor pelo novo, o perturbador, o estranho.

As ações de estudantes, e alguns operários, por todo planeta durante o ano de 1968, enterraram de uma vez a infalibilidade da ação das vanguardas. Cada diferente falou por si, expressou seus desejos, realizou seus transgressivos prazeres. Ato contínuo, muitos se lembraram da relevância do pensamento libertário, voltaram a ler, comentar e editar Proudhon, Bakunin, Malatesta. Teve até historiador que se viu obrigado à retratação pública por ter decretado a morte do anarquismo junto ao fim da revolução espanhola.

A contagem do tempo e as interceptações históricas e sociológicas dizem hoje que o fim das vanguardas foi o redimensionamento destas em elites de minorias; a retomada do anarquismo, apenas uma maneira de oxigenar o marxismo, gasto com a ação internacional da URSS. Não há como negar esse desdobramento está aí para quem quiser ver e usar.

No entanto, para anarquistas, *maio de 68* permanece um acontecimento repleto de ressonâncias libertárias; uma possibilidade de romper com a vontade de conser-



vação, com a busca por acomodações e de realizar no espaço, aqui e agora, uma heterotopia anárquica, na história e contra a história: intempestivo. Comemorá-lo é negar sua potência de liberação.

Experimentar sua atualidade é estar atento e forte para saber e sentir que *maio de 68* é anarquia!

um dossiê 1968

beatriz carneiro

Dossiê

■ substantivo *1. série de documentos importantes que tratam, revelam a vida de um ou mais indivíduos, de um país, de uma instituição.*

1968, ano dos meus 12 e 13 anos de idade.

1968 em 2008 seria como se eu dobrasse quarenta anos e unisse apenas as pontas 68-08, torcidas em uma faixa de Moebius. Há porém, uma seiva que corre direto entre as pontas, sem passar pelos anos todos; é isso que interessa.

Abordo o assunto a partir do que experimentei na época. Os documentos do dossiê 68 consistem em meus próprios registros dos acontecimentos que me afetaram naquele ano: poemas escritos em um caderno e frases retiradas de uma tentativa de escrever um diário, o qual se tornou um texto contínuo sem referências a datas do dia a dia.

DOCUMENTOS

1. Frases:

- 68, não será um ano de paz. (1 de janeiro de 1968)
- Hoje fui na Bienal. E dizem que aquilo tudo não é arte! Gostei dos quadros surrealistas, do pop, cinético, cibernético. Vi Caetano Veloso de perto! (6 de janeiro de 1968, último dia da Bienal de 1967)
- Gosto de arte e de revolução.
- Não gosto do muro de Berlim.
- Apoio Rudi Dutschke, Daniel Cohn-Bendit, Pavel Litinov e todos estudantes subversivos.
- A guerra do Vietnã é uma panela. Lá os Estados Unidos querem mostrar seu poder aos comunistas sob o pretexto de ajudar os sul-vietnamitas.
- Os soldados são as marionetes do Pentágono, este os manda matar e eles matam. O que acontece no Pentágono e as resoluções tomadas, nem o povo de lá sabe.
- Guerrilha na América Latina para fazer aparecer o socialismo não dará certo.
- Che sempre imitado nunca igualado (essa frase *subversiva* colada com a foto de Guevara no muralzinho da escola causou a maior confusão).
- No fim do século haverá uma III Guerra, não é preciso adivinhações, basta ler os jornais. Nesta 3ª guerra, os ignorantes usarão obviamente bomba atômica e de hidrogênio, pode ser até que usem a de cobalto, que ouvi dizer que é a última bomba que cai. Se houver sobreviventes? A radioatividade influi nos genes, será um futuro de monstros, é o fim.
- A filosofia hippie... não se pode lutar contra o que já temos: a violência.

- O socialismo é bom, pois há igualdade de classe, e é péssimo, pois a gente pertence ao Estado como bonecos.
- Não existe moral nem nunca existiu. E quem crê nela? Quase todo mundo. Eu não creio. A moral muda porque não é fixa, portanto não existe moral. A moral é feita e imposta ao homem, que quer emancipar-se, pela sociedade.
- Não quero virar vítima da máquina de forjar mitos e levar uma vida falsa e tola.
- Quero igualdade de propriedade a todos e de direitos, a abolição do dinheiro, a derrubada do Estado, a união dos países, etc.
- Viva o *socicalismo!* O socialismo tropicalista.
- Como eu posso imaginar alguém num mundo cheio de injustiças, que não se revolte. Isto é inconcebível, mas existe.

2. Poemas escritos em 1967 e 1968:

Autoridade (julho 1967, editado)

Autoridade, causa de guerras.
Autoridade, objeto de esmagar.
Quer sempre tudo e em todos mandar.
Faz classes sociais, faz conflitos raciais.
São apenas vermes de esgoto, vão desaparecer.

Grades (fragmento) 26/8/68

Estou me integrando
Na massa popular burguesa
Em virtude de grades
GRADES!
Estou sendo absorvida...
Para que existem grades?
Para que existem?
Para que?
Para.....?
.....?
.....

Prop's 18/9/68

Compre!
Beba!
Use!
Coma!

Grandes cartazes coloridos.

E vocês respondem:
Compramos!
Bebemos!



verve

Dossiê 68

Usamos!
Comemos!

O dedo manda lá
Lá estão...
O dedo manda cá
Cá estão

O dedo aponta a direção
E vão....

Use!
Usaremos

Compre!
Compraremos!

Beba!
Beberemos

Coma!
Comeremos!

Arrastem-se imbecis!

Dinheiro!!!
Dinheiro!!!
Dinheiro!!!
Dinheiro!!!
Dinheiro!!!
Dinheiro!!!
Dinheiro!!!



Passar na frente: dinheiro!

Corra, corra!

Ou falirá!

E a greve não pode estourar!

Ganha quem tem

CARTAZ LUMINOSO

Na cidade

Cidade Burguesia

Prop's

Dinheiro

Deus fez os ricos

Deus fez os pobres.

Que a vontade d'Ele seja feita.

Aaaaammmmmmééééééém

(qual o final disso tudo?)

ESCRAVIDÃO....

1968

Relendo essas garatujas da época, percebi que o que eu mantenho ainda vibrante hoje é consequência de ter aberto os olhos de uma infância tediosa, em 1968, e encontrado um imenso mundo nos jornais, nas revistas, no rádio e na televisão, e em exposições de arte e cine-

ma. Até no colégio de freiras, onde cursei o *Ginásio*, a movimentação 68 respingava em mural de notícias; em relatos de estudantes universitários, parentes de colegas, ou de uma ou outra professora jovem, que ao trazer novas idéias, tinha permanência curta na escola.

Assim como as ruas ocupadas por estudantes, a universidade aparecia como um local pulsante de debate e ação efetiva, um espaço de liberdade e de liberação. Para mim o mundo estava lá fora, estava fora dos muros da escola e da família. O melhor de 68 ocorria *fora* de mim, fora do colégio, mas hoje encontro ainda algo arraigado *dentro*, desde aquela época.

Em 1968, as revoltas contaminavam o mundo todo. Pela imprensa acompanhei manifestações de rua pelas cidades mais diversas; jovens largando empregos e dizendo não à guerra; *scholars* abandonando as cátedras bem postas e caindo na vida; desertores do Vietnã em fuga; anti-consumismo; contracultura; antipsiquiatria; revoltas contra as prisões; a busca uma vida *autêntica* – as palavras “espontâneo” e “autêntico” nomeavam as atitudes valorizadas do dia a dia.

Eu seguia as notícias sobre Daniel Cohn Bendit e o maio francês; os estudantes no México; as passeatas brasileiras de protesto contra o arrocho salarial, contra a falta de vagas nas universidades estatais, contra a ditadura, a morte do estudante no Rio, a briga UNE x CCC – Comando de Caça aos Comunistas, na rua Maria Antônia. Rudi Dutschke era um dos meus “ídolos”. O nome de Pavel Litinov entre minhas referências documentadas me surpreendeu, precisei pesquisar para recordar esse dissidente russo que participou de uma manifestação de apoio à Primavera de Praga, em Moscou, na Praça Vermelha, em 1968. Eu de fato lia jornais com maior atenção e entusiasmo do que hoje.

A grande explosão rebelde nos EUA ocorreu em 1967. A guerra do Vietnã desencadeou violentos protestos, pois o alistamento obrigatório atirou jovens da

classe média americana em um matadouro. Nos EUA, entre outros grupos atuantes, hippies pacifistas descreditaram os militares, a polícia, as escolas, os empregos. A onda hippie se ampliava pelas ruas, pela mídia, entrando nos lares, abalando os “clean-cuts” (“quadradinhos”) envolvendo até jovens dos estados americanos mais conservadores que escapavam de seus ranchos e subúrbios para os grandes centros em que tudo acontecia. Lá ficavam na rua, em albergues, em acampamentos. Sem contar os grandes shows de rock e os grandes conjuntos que se formaram, fornecendo a trilha sonora das andanças pelas ruas. O movimento negro conquistava seus direitos com grandes lutas incendiárias.

No Brasil, nessa época, havia um certo “aparelhamento” dos jovens, especialmente dos universitários, por parte de partidos, da igreja e grupos políticos diversos, inclusive de direita como o CCC. Isso pode explicar a específica organização dos protestos no Brasil. A juventude brasileira mais atuante era atravessada por palavras de ordem de grupos de esquerda, os quais enfrentavam a ditadura com determinação. Os jovens saíam às ruas com coragem, mas ao mesmo tempo, a maioria desses militantes viajava Caetano Veloso com ódio. *Então é essa a juventude que diz que quer tomar o poder? Que juventude é essa?* — disse ele em 1968, no festival de MPB da TV Globo durante a vaia a *Ê proibido proibir...*, uma vaia de jovens politizados que se emocionavam com *“Para não dizer que não falei das flores”* de Geraldo Vandré, por sinal hino de passeatas nos anos que se seguiram.

Em 1967/68 algumas linhas de fuga surgiam junto a jovens que não eram mais “o velhote inimigo que morrera ontem”, mas atentos a autoritarismos, mesmo os de esquerda, sem perder o tom libertário. *Na mídia, esse grupo aparecia composto pelos integrantes da Tropicália, cujo auge se deu em 1968 — Caetano Veloso; Gilberto Gil, Tom Zé incluídos. Contudo, havia outros que só fui conhecer alguns anos depois.*

A coragem de “dizer não” se propagou como fogo e vento. Não às ditaduras com ou sem palavras de ordem, não ao Vietnã, não aos pais, não à burocracia de Estado, não ao ensino, não ao Exército, não aos empregos, não à repressão sexual, não às instituições, não aos estados ordinários de consciência, não às hierarquias, não ao não. A coragem de fazer sexo, fazer grupos atuantes, fazer protestos, fazer ocupações na rua, fazer arte, fazer invenções, fazer experiências, a coragem do fazer sim. Mais além do “inferno são os outros” de Sartre, era forte a energia dos corpos coletivos revirando-se contra a repressão e opressão celebrando Eros na esteira de Marcuse.

As instituições eram questionadas, em vários níveis. A arte se tornava anti-arte, o teatro não era mais lugar de se fazer a digestão mas de transformar o pensamento, o ator não era apenas uma boa voz mas corpo presente e atuante integralmente, as premiações artísticas eram desprezadas, ter o dinheiro como meta era desprezível, a segurança de uma família e do bom emprego limitava a realização da liberdade, as roupas deveriam ser naturais, confortáveis e alegres, corpos nus apareciam sem poses, o moralismo aos poucos cederia lugar a uma compreensão das coisas como seriam de fato, a vida deveria ser autêntica a cada atitude.

Em 1968, eu tive a certeza de que o mundo daquele momento em diante, se manteria incrível, libertário, autêntico, diferente da minha vidinha besta de família-colégio, pois parecia que as instituições conservadoras estavam sendo demolidas para sempre e sem possibilidade de retorno, e atitudes autoritárias e burocráticas desapareceriam de tão desprezadas! Por outro lado, havia o espectro de uma guerra total e o fim do planeta. Tudo ou nada! Coisas de quem tem doze/treze anos. Tudo ou nada.

Logo percebi, porém, que não era nada disso. Nem liberação, nem bomba atômica. Acompanhei os acontecimentos do AI-5 pela rádio BBC e Rádio Cuba no dia

13 de dezembro. As prisões e perseguições pelo Brasil eram alardeadas no exterior enquanto que por aqui, revistas e jornais com tais informações eram recolhidos e incinerados. Eu estava sozinha, sintonizando estações de rádio, chorando. Tive a impressão que algo terrível ocorrera. Que aquele mundo amplo e livre que mal dera as caras se fôra para sempre.

2008

Quarenta anos. No Brasil, nesse período, quinze anos foram de ditadura, perseguições e, depois, montagem e consolidação de uma democracia adequada ao controle globalizado, distante dos caminhos que irromperam e pareciam prosperar em 68.

Há comemorações cívicas de um 1968 congelado na sua própria data, assistidas por uma juventude perplexa em saber que seus pais e até avós experimentaram rebeldias, que tantas possibilidades foram sendo construídas e que hoje parece que não há nenhum caminho para se contestar e sim para se contentar. Ou não.

Talvez seja melhor esquecer, se não for para colocar no fluxo dessa memória as linhas de fuga que ainda não se esgotaram, escaparam e ainda escapam das capturas; o resíduo vivo; a seiva oculta por grosso tronco aparentemente morto. Quais podem ser as imperceptíveis resistências que incomodam o coro dos contentes?

A torção Moebius 68 ∞ 08: hoje, o não ao limite se desloca para o sim às modulações do controle. A revolta se torna participação constante e controlada — passeata hoje no Brasil precisa marcar hora e pedir autorização ao departamento de trânsito. O controle pressupõe a resistência para ampliar seu campo de atuação, William Burroughs já apontava isso em 68.

68 em 08, dizer não a quê? dizer sim a quê? O que estava ainda informe em 68 ganhou configuração muito nítida em quarenta anos. Muitos não de 68 foram absorvidos paulatinamente, gerando instituições flexíveis e abrangentes, subjetividades identitárias, incentivos à participação nas decisões, expansão de direitos juridicamente estabelecidos. O não ressentido que emocionou muitas rebeliões abriu o flanco à captura caridosa.

Em cada época, há atitudes que jamais poderão ser absorvidas e que atraem uma reação conservadora, sutil ou violenta, visando destruí-las ou desqualificá-las ou neutralizá-las.

Em 1968-hoje, como dizer um NÃO! que não implique o SIM! a um assujeitamento ainda mais entranhado. Mais do que nunca é preciso dizer sim ao que de fato resiste irreduzível e não se dilui em ondas sinuosas.

É preciso estar atento e forte.

Não há tempo para se temer a morte.

isso e aquilo! (e outras coisas mais)

eliane knorr

isso e aquilo! (e outras coisas mais)

68 reinventou as rebeldias e obrigou o poder a se reinventar.

nos governos...

apropriou-se da autogestão anarquista como autogestão empresarial, ou policiamento de si.

afogou minorias em direitos.

amoleceu os limites, tornando-os mais flexíveis e adaptáveis, para que a ruptura se tornasse mais difícil.

... e na vida

desestabilizou os modelos. mesmo os revolucionários.

reverbera, nos inadaptáveis, rupturas radicais.

se os governos tentam apaziguar os rebeldes com direitos, é porque sabem que 68 também liberou para todos os corpos a potência de ser selvagem...



sem título

gustavo ramus

Maio de 68 ficou marcado pela contracultura e por diversas formas de liberações. É verdade que muitos contestadores de outrora se tornaram agentes da ordem de hoje. No entanto, 68 continua servindo de combustível para outras gerações que ainda queimam muita coisa por aí. Numa época conservadora, como a que vivemos na atualidade, é raro encontrarmos jovens insurgentes. O que Maio de 68 nos deixou é a luta inerente à vida, a recusa por receitas revolucionárias e pelos condutores de consciência, a exoneração do codificado, do que já existe. Inventar um outro mundo, desejar o impossível. O poder permanece sem imaginação. Tudo, inclusive a nossa própria existência, é fruto de um combate. E é por meio desses combates que tudo se transforma, nada se conserva idêntico a si mesmo. A história é escrita na pele das pessoas. Lutar por si mesmo, não esperar mais por heróis, mas ser uma força em movimento. Destruir e criar como fogo apaixonado. O *tesão* em estar vivo! Provocar insurreições; desestabilizar hierarquias; explodir as couraças de nossos corpos; incendiar o tribunal que se instalou em nós mesmos; matar o policial que nos habita. Intensificar a liberdade na amizade, no sexo e no corpo. Viver a vida como uma contínua liberação, dia após dia, na busca por espaços e experimentações de liberdade imediata.



transgressão e revolta. que sexo faz? faz sexo gay

edson lopes & nildo avelino

1968. Jovens inventaram costumes em que a liberação dos amantes, do sexo e as insubmissões compunham prazeres às revoltas que se pronunciavam nas ruas, nos corpos, nas relações, nas fábricas e nas barricadas. Pode-se adquirir uma inteligibilidade da revolta — mesmo quando se trata de revoluções universalistas — pelas práticas de liberações do sexo que permitem à palavra transgressão, e a partilha nela contida, designar a diferença. A transgressão, liberada do negativo, resgata seu parentesco com a ética que à pele aos poucos permite safar-se da farsa da repressão, da ideologia, da interioridade e das revoluções restauradoras do Estado. Confere outra inteligibilidade às revoluções e às fugas da sociedade que, da colonização dos sexos à colonização dos povos, questiona o governo das condutas.

Desde as campanhas nas páginas do *L'En Dehors* e *Mother Earth* os anarquistas propagam os perigos do socialismo autoritário e do Estado como poderes esmagadores da individualidade. Denunciaram que os mesmos costumes que sustentam as práticas de governo determinam as práticas sexuais. Inventaram outros usos do corpo: nudismo, naturismo, campismo, vegetarianismo etc., emergências liberadoras cujo gesto partia

de mulheres e homens, à revelia da condenação pública e da criminalização que os acometeria de inúmeras provas de suas degenerações, vícios, desobediências e monstruosidades revolucionárias.

As campanhas pelo amor livre e pela ‘emancipação sexual’, não tendo lugar na consciência de classe, na luta operária, no partido, eram, notadamente, relegadas pelo socialismo a um sintoma de degeneração (também, a um sintoma anarquista) e como tal, parte de uma moralidade burguesa. Permite-se assim, enxergar a ditadura e as feridas revolucionárias ignoradas e que na URSS, Alemanha Oriental, China, Cuba, Coréia do Norte, etc. fizeram de anarquistas, tanto como loucos e gays — algumas teorias associavam perversões a doenças mentais — prisioneiros de gulags, alvos de perseguições, criminalizações e extermínios sanguinários — numerosos como os do nazismo e fascismo — que nem sequer o esquerdismo de 1968 ousou problematizar. Quem e quantos foram os anarquistas e gays mortos pelos totalitarismos, não se sabe precisar; os números só representam as inúmeras destruições de homens e mulheres como pura conjectura.

Daniel Guérin ressaltou que a possibilidade de transformar a própria vida tornava-se um problema que importava mais do que a liberação homossexual aliada à revolução social. Não se tratava de uma revolução, segundo Guérin, simplesmente do ponto de vista político, mas, ao mesmo tempo cultural e sexual, que transformasse todos os aspectos da vida e da sociedade. Dizia-se contra qualquer sociedade, até a socialista, que mantivesse tabus sexuais. E, para ele, a revolta da primavera de 1968 rejeitava todas as faces da submissão.

Das incursões e emergências do tema do amor livre, nas reuniões, greves, publicações, à tônica americana ‘*gay is good*’ e ‘*coming out*’, da década de 1960, que colocavam em jogo a possibilidade da prática, expressão, prazer e diversão mediante a experimentação do sexo,

o maio de 1968 e, após ele, o acontecimento Stonewall (1969), nas suas reivindicações mais moderadas e revoltas mais acaloradas contra as polícias, os governos, a noção de perversão em torno da criminalização, exprimiram lutas de mulheres, gays, prisioneiros, etc. 1968 marca uma série de oposições: a oposição ao poder dos homens sobre as mulheres, dos pais sobre os filhos, do psiquiatra sobre o louco, da medicina sobre a população... De resistências que funcionaram como lutas anti-autoritárias. De lutas transversais que não estavam limitadas a uma forma política e econômica de governo. De lutas que tinham por alvo o poder enquanto tal. De lutas imediatas contra as instâncias de poder imediatamente próximas. De lutas que questionaram o estatuto do indivíduo e afirmaram a diferença. 1968, revolução sem rosto: veículos revirados, códigos pulverizados, e o rumor barulhento do sujeito e do vivido alastrando-se numa maré indefinida.

As concessões em torno da inclusão da homossexualidade no interior do sistema de direitos, no interior do consumo crescente segmentado, da tolerância à representação da diversidade, da identidade segmentada e de suas ações afirmativas fabrica o consumidor ou cidadão GLBTS (gays, lésbicas, bissexuais, transsexuais e simpatizantes) participativo tanto quanto opera intervenções morais sobre o sexo, os amantes, a criatividade e os costumes capazes de afirmar as liberações sexuais. A rejeição de todas as faces da submissão de 68, ressaltou o tanto que o modo de vida e o sexo gay inquietam com a expansão de forças imprevisas, a lei, o direito, a regra e o hábito. Nenhum direito, tolerância ou identidade pode validar as relações das intensidades múltiplas, afetos, carinhos, amizades, companheirismos, instinto, tesões sensuais, intensos e fugazes que arruinam a política, a memória, o amor, a sexualidade e a identidade. Sexo, instiga transgressões, fora da lei, fora de si.

é proibido proibir

juliana meduri

Música : **É proibido proibir** – Caetano Veloso. OUÇA

“A mãe da virgem diz que não
E o anúncio da televisão
E estava escrito no portão
E o maestro ergueu o dedo
E além da porta
Há o porteiro, sim...

E eu digo não
E eu digo não ao não
Eu digo: É!
Proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir...

Me dê um beijo meu amor
Eles estão nos esperando
Os automóveis ardem em chamas
Derrubar as prateleiras
As estantes, as estátuas
As vidraças, louças
Livros, sim...

E eu digo sim
E eu digo não ao não
E eu digo: É!
Proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir...

Me dê um beijo meu amor
Eles estão nos esperando
Os automóveis ardem em chamas
Derrubar as prateleiras
As estátuas, as estantes
As vidraças, louças
Livros, sim...

E eu digo sim
E eu digo não ao não
E eu digo: É!
Proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir
É proibido proibir...

(em setembro de 1968, Caetano Veloso e Os Mutantes no III Festival internacional da canção na TV Globo)

Mas é isso que é a juventude que diz que quer tomar o poder? Vocês têm coragem de aplaudir, este ano, uma música, um tipo de música que vocês não teriam coragem de aplaudir no ano passado! *São a mesma juventude que vão sempre, sempre, matar amanhã o velhote inimigo que morreu ontem!* Vocês não estão entendendo nada, nada, nada, absolutamente nada. Hoje não tem

Fernando Pessoa. Eu hoje vim dizer aqui, que quem teve coragem de assumir a estrutura de festival, não com o medo que o senhor Chico de Assis pediu, mas com a coragem, quem teve essa coragem de assumir essa estrutura e fazê-la explodir foi Gilberto Gil e fui eu. Não foi ninguém, foi Gilberto Gil e fui eu!

Vocês estão por fora! Vocês não dão pra entender. Mas que juventude é essa? Que juventude é essa? Vocês jamais conterão ninguém. Vocês são iguais sabem a quem? São iguais sabem a quem? Tem som no microfone? Vocês são iguais sabem a quem? Àquelles que foram na *Roda Viva* e espancaram os atores! Vocês não diferem em nada deles, vocês não diferem em nada. E por falar nisso, viva Cacilda Becker! Viva Cacilda Becker! Eu tinha me comprometido a dar esse viva aqui, não tem nada a ver com vocês. O problema é o seguinte: vocês estão querendo *policar a música brasileira*. O Maranhão apresentou, este ano, uma música com arranjo de *charleston*. Sabem o que foi? Foi a *Gabriela* do ano passado, que ele não teve coragem de, no ano passado, apresentar por ser americana. Mas eu e Gil já abrimos o caminho. O que é que vocês querem? Eu vim aqui para acabar com isso!

Eu quero dizer ao júri: me desclassifique. Eu não tenho nada a ver com isso. Nada a ver com isso. Gilberto Gil. Gilberto Gil está comigo, para nós acabarmos com o festival e com toda a imbecilidade que reina no Brasil. Acabar com tudo isso de uma vez. Nós só entramos no festival pra isso. Não é Gil? Não fingimos. Não fingimos aqui que desconhecemos o que seja festival, não. Ninguém nunca me ouviu falar assim. Entendeu? Eu só queria dizer isso, baby. Sabe como é? Nós, eu e ele, tivemos coragem de entrar em todas as estruturas e sair de todas. E vocês? Se vocês forem... se vocês, em política, forem como são em estética, estamos feitos! Me desclassifiquem junto com o Gil! junto com ele, tá en-

tendendo? E quanto a vocês... O júri é muito simpático, mas é incompetente.

Deus está solto!

Fora do tom, sem melodia. Como é júri? Não acertaram? Qualificaram a melodia de Gilberto Gil? Ficaram por fora. Gil fundiu a cuca de vocês, hein? É assim que eu quero ver.

Chega!”

...

O mundo mudou em 1968, em maio muito já havia sido feito na França. Dentre os principais acontecimentos de lá: greve geral, a ocupação da Sorbonne e do *Théâtre de L'Odeon*. E daqui: o início do Tropicalismo. Lá ou cá, jovens viveram e deram vida à revolução sem perder o som dos refrãos “É proibido proibir!”, “Gozar sem freios!”, “nem Deus, nem Mestre!”. Uma revolução apaixonada e desenfreada que não daria certo sem o têsão de explodir valores que ninguém mais agüentava... religião, família nuclear monogâmica, os vários tabus ao redor do sexo e... o Partido Comunista Francês.

músicas

mauricio freitas

Ouçã:

Summertime - George Gershwin, Versão- Janis Joplin. *Cheap Thrills Big Brother and The Holding Company*. 1967.

Triste Bahia – Gregório de Matos e Caetano Veloso. *Transa*. 1972.

Pixações:

“Não me libertem, eu me encarrego disso.” Maio de 68 – França.

“Quanto mais eu faço amor, mais eu tenho a vontade de fazer a revolução. Quanto mais eu faço a revolução, mais eu quero fazer amor.” Maio de 68 – França.

Frases:

“Queremos o mundo e o queremos já.” Jim Morrison.

“Um porto alegre é melhor que um porto seguro para a nossa viagem no escuro.” Caetano Veloso.

“Descobri que é chegada a hora de acrescentarmos ao tempo e ao espaço mais uma dimensão fundamental à vida no universo: o tesão. Porém não me refiro ao tesão do Aurélio, mas sim ao de Caetano, por exemplo. Para mim esse tesão não habita dicionários oficiais; entretanto, é o que anima e encanta os poetas tropicais. Tesão sem passado, apenas contemporâneo e vertical, ele é produto semântico e romântico dos que sentem desejo pelo desejo, alegria pela alegria e beleza pela beleza. Mas pode ser ainda tesão de quem sente desejo pela alegria, beleza pelo desejo e alegria pela beleza.”

Freire, Roberto, *Sem tesão não há solução*. Ed. Guanabara. Rio de Janeiro 1987.

jovens, a língua que corta: 68 é um agora

natalia montebello

Comecem uma revolução

Ó! comece alguém uma revolução!
não para ganhar dinheiro
mas para perdê-lo todo para sempre.

Ó! comece alguém uma revolução!
não para colocar no poder as classes trabalhadoras
mas para abolir as classes trabalhadoras para sempre
e termos um mundo de homens.

D.H. Lawrence

O exagero é o início das invenções *Nos muros de Paris*

Deuses habitam entrelinhas, entretecem grandes e mínimas conspirações. Pessoas, milhares delas, regurgitam divindades, entre tarefas cotidianas, em cotidianos estúpidos, insistentes, que rangem, rasgam, arranham, representações, pobres ilusões, de tanto tempo irremediavelmente perdido. Rápidas biografias de quase todos nós. Quase sempre. Quase assim. Quase.

Jovens estudantes de uma coerente nação, em um Ocidente primordial, primeiro mundo das primaveras

republicanas das liberdades da convivência democrática, da ordem democrática da doce pacificação dos modos à mesa e das incontáveis pequenas sutilezas da boa educação racional. Herdeiros da razão, grande novo começo, vontade registrada como garantia de que, depois de tudo, quando tudo estiver cansado, tudo será documentado, classificado, arquivado, interpretado e explicado, para a felicidade geral dos menos favorecidos, em intelecto ou paixão, e para o silêncio geral, dos desfavorecidos pelas riquezas de suas nações. Jovens, dizem os sábios comunistas do partido, burgueses. Jovens, afirmam as notas de rodapé da sociedade bem-comportada e gorda dos grandes direitos universais, do homem e do cidadão da civilização iluminista, gratos, e em regime de dívida eterna com um mundo que lhes oferece educação, televisão, eletrodomésticos e sonhos de consumo. Herdaram a razão, filhos da guerra sem quartel, da santa guerra celestial, sem metáforas. Filhos do aniquilamento tecnológico e científico em massa, produtos da produção em massa da massificação da vida. Seus corpos, supostamente doces, foram jogados na universidade. Antes a universidade do que o exército, decreta o velho continente das velhas batalhas racionais. 1945: 120 mil estudantes nas universidades francesas; 1968: mais de 500 mil; na *Sorbonne*, 160 mil. Na universidade deviam encontrar os verdadeiros motivos e os pontos finais, teóricos, terrivelmente claros do estado das coisas do mundo, além do tempo e da vida do mundo. E se preparar, convenientemente, para mergulhar nas contas, de menos e de mais, e de preferência de muito mais, do bem-estar capitalista. No fim das contas, a universidade deve capacitar o jovem a se tornar adulto. Até aqui, qualquer semelhança, depois de quarenta anos, não é mera semelhança.

Mas a juventude desconhece as teorias que a explicam, e a recusa surpreendente da domesticação que lhe oferece os parâmetros de uma existência civilizada, e ainda por cima culta, escancara essa profunda ignorância. Entendidos no assunto, de maneira sempre

ridícula e anacrônica, elaboram seu atestado de estupidéz, que registra comentários esclarecedores a respeito dos surtos de liberdade e ingenuidade, que não de passar, e que, enquanto isso, eles, os especialistas, não de conter. A juventude, por vezes, desobedece irremediavelmente, muito aquém e além das representações familiares e teológicas, institucionais de qualquer maneira, do desacato, da desobediência respeitosa, quase burocrática, dos homens de bem, ou mesmo dos homens de mal, carregados de uma identidade muito mais forte, ou mais pesada, do que sua vontade. Por vezes, a juventude surpreende, assalta tudo o que está explicado e, num pulo, vira de ponta cabeça o mundo que lhe está reservado, do alto da sabedoria que a precede e em seu nome. Quanto mais badulaque há nesse muito, muito maior a bagunça.

Maio de 68 foi a primeira revolta do século XXI? Ou mesmo o começo do século XXI? Começo ou fim de uma certa época? Quem sabe tão só uma experimentação, uma invenção, uma potencialização, um aparecimento, um gesto, uma cambalhota... de vida: pele, sexo, língua, palavras afiadas, gestos indecentes, danças dionisíacas, gritos, grunhidos e gemidos; basta em todo território de verdade, em toda autoridade sobre o corpo, sobre o desejo; fome, de idéias e de prazeres, força de idéias e de prazeres alimentando desatinos e loucuras impostergáveis; uma política impossível, entre sua impossibilidade de pactuar e a improbabilidade de sua persistência. Assim, um acontecimento, a potência do devir, do menor que escapa aos enquadramentos da história, ou melhor, que vaza da história, pois santos e velas florescem em qualquer canto. Maio de 68 é invenção de liberdades, não como lembrança ou utopia: invenções de mundos impossíveis, incluso para antigos revolucionários: mundos que não reivindicam a melhoria de quaisquer condições; mundos, por isso, que não se prendem nem ao passado a ser aperfeiçoado, nem ao futuro que deve ser desenhado; mundos possíveis apenas no presente, por isso, de novo, apenas para in-

interessados. Quem sabe uma nova forma de revolução, duvido, mas tanto faz: sob as ruínas do passado, do heroísmo, da ingenuidade, da ignorância ou do saudosismo, e também sob as ruínas do futuro, do sonho de grandeza ou do delírio da fraqueza, o presente festeja a vida breve e forte, e dançam os que não esperam por nada, nem por ninguém. O nome disso pouco importa.

É preciso mudar a vida.

Rimbaud

O socialismo sem a liberdade é o quartel.

Bakunin

Imoralidade

Imoral é somente
estar morto-vivo,
extinguir o sol dentro de si
e ficar ocupado em extinguí-lo
nas outras pessoas.

D.H. Lawrence

Queremos uma música que seja selvagem e efêmera.

Nos muros de Paris

Uma jovem visita seu psicanalista, pela última vez. Seu trabalho, diz, é enquadrar, normalizar, fazer da vida uma apologia da obediência. Ela não quer ser normal: o que ele vê como patologia, como desajuste, ela entende como definitiva recusa à vida normal. E é assim que ela quer viver. Antes de sair, tira da bolsa um pavê, e o coloca sobre a mesa de Freud. Pavê: os paralelepípedos de Paris, nas mãos insubmissas de jovens revoltados. Símbolos e carimbos de uma civilização da luz da razão; pedras e facas de uma juventude que inventou o sol da meia-noite, à sua maneira, mas aqui e acolá, apenas hoje.

Maio de 68 prescinde de territórios: constelação de idéias e de práticas sem a menor intenção de separar umas das outras, sem a menor intenção de servir de resposta a qualquer acontecimento, ou de explicação para qualquer efeito. Seu tempo, assim como suas extensões, são estelares: ou lançamos mão de poderosas lentes para tentar entender suas razões científicas (históricas e sociológicas), ou olhamos para o céu, aguçando o olhar e a imaginação, saboreando a noite sem fantasmas das festas inebriantes dos corpos livres dos dias seguintes. A não ser por exercício de abstração, as constelações habitam nossos gabinetes científicos; a não ser por vontade, por excesso, de vida, de poesia e de sexo, habitamos as constelações que inventamos para nós.

O sexo não cabe na sexualidade, a política no partido, o jovem na universidade, a vida no governo, a anarquia no anarquismo, o trabalho na fábrica, ou na rede, a criança na infância, o corpo na postura, a vontade no comportamento, a poesia na literatura, a revolta na história, eu na humanidade... a paixão transborda, vaza, rasga.

Guerra

Quando criança, certos céus afinaram minha ótica: todos os caracteres matizaram minha fisionomia: Os Fenômenos me comoveram. – Hoje, a inflexão eterna dos momentos e o infinito das matemáticas impulsioaram-me por esse mundo em que padeço todos os acontecimentos civis, respeitado pela infância estranha e os efeitos enormes. – Sonho com uma guerra, de direito ou de força, de muito imprevista lógica.

É tão simples quanto uma frase musical.

Rimbaud

coragem física: anotações em perspectiva

salete oliveira

Em 68,

um desabusado inventor artista plástico sacudiu o Aterro do Flamengo.

E o morro se fez dobra, à beira da Baía de Guanabara, na superfície de segundas peles para vestir.

E o museu ficou — e já era — pequeno demais para desmesurada experimentação.

E uma platéia de jovens militantes que queria mudar o mundo, reivindicava: “Defina a loucura, defina a loucura!”

E o desabusado: “Não defino coisa alguma. Vão ao dicionário, e lá vocês também não vão encontrar isso a que me refiro.”

E a platéia aturdida atacava uma jovem artista de sutileza rara, repetindo palavras de ordem: “a sua arte e você também fazem *parte do sistema*.”

A artista, delicada, cortava: “Se estamos sufocados, vamos quebrar os vidros das janelas, isto sim pode ser um gesto estético subversivo, entende?”

Mas a jovem platéia insistia em uma outra ordem, numa nova ordem engajada, e se fez insensível, quando um outro artista, recém saído da prisão, disse algo tão sutil e avassalador, e que permanece atual 40 anos depois:

“As palavras começam a comer umas às outras como leucemia.

Entende?”

40 anos depois,

uma bailarina conta que em 68 a dança largou a barra. Descalçou as sapatilhas. E pés, e mãos, e dorsos, e pernas e bocas e sexos livres cotidianos transgrediram o eixo de corpos jovens desnudos. Reviraram as latitudes do planeta e enfrentaram inúmeras barras.

E hoje, jovens bailarinos como uma imensidão de tantos outros jovens estão preocupados com sua profissionalização e segurança.

No presente,

uma coragem física de raríssimos homens e raríssimas mulheres está interessada na abolição imediata do aprisionamento de crianças e jovens no Brasil e ecoam, cada um a seu modo, palavras e gestos desabusados, sem data, e que oportunismo algum é capaz de capturar.

.....*eu incorporo a revolta*.....

68 adiante, e se adiante

edson passetti

Até 68 as práticas de liberdade aconteciam por posicionamentos e contra-posicionamentos. Desde 68 seus desdobramentos foram redimensionados. Aos poucos, minguaram direita-esquerda, capitalismo-socialismo, democracia-ditadura, sintetizados em capitalismo com direita e esquerda, democracia e ditadura. Em lugar de posições em confronto, pretendendo conservação ou reformas dos espaços, ocorreu uma guinada. A vida se deslocou da relação entre a superfície e a profundidade do território planetário para o universo em expansão. Aportou-se na lua e começaram as longas viagens monitoradas a outros planetas. O espaço sideral foi preenchido com satélites, sondas, vigias eletrônicas, conhecimentos quânticos. Deslocamo-nos da referência de superfície e profundidade do território, das fronteiras, das idéias e de certa filosofia. Nas práticas de liberdade, o domínio da razão se acomoda à religião e às fusões com auto-ajudas, gerando outro domínio impreciso designado pós-moderno. Todavia, o comando da propriedade persiste, gerando a utopia do bom emprego com segurança, constituindo um conformismo jovial. O contra-posicionamento acabou capturado pelo pluralismo, pelo multiculturalismo, pela convocação à participação, em função da saúde do planeta; é dela que depende a normalidade dos seus habitantes, as modas, os moldes e as filantropias. Não se briga mais por

um novo mundo a ser conquistado. Depois de 68 espera-se que todos lutem pela restauração do planeta, pelos seus santuários ecológicos, com paciência, tolerância e confiança nas ações estatais e nas parcerias com a *chamada sociedade civil organizada*. Espera-se por *qualidade de vida!* A vida está governamentalizada! Somos convocados a participar e estamos disponíveis aos encarceramentos. 68 acabou com posicionamentos e contra-pocisionamentos, com ideologias, utopias e sonhos igualitários pós-capitalistas colocados nos moldes do século 19, por comunistas e libertários. O acontecimento 68 mostrou que a libertação foi capturada pela reforma geral do planeta — econômica, ecológica e política —, em que se trafega pelo universo, assimilam-se os Estados redimensionados em uniões, os novos nacionalismos, xenofobias, cotidianos ordenados em comunidades. A vida nas cidades e nos territórios não é mais compreendida segundo o artifício conceitual centro-periferia; é governada por técnicas de campo de concentração, fechada em si e sob especiais vigilâncias eletrônicas. Neste mundo de cidadãos e de inclusões não se pretende mais acabar com instituições totais ou austeras, somente ampliar os controles punitivos a céu aberto. 68 liberado e libertário, que trouxe a anarquia de volta ao enfadonho mundo de capitalistas e socialistas anda, hoje, por delgados fluxos navegáveis, mas pouco nítidos. Enquanto isso o *conservadorismo moderado* avança e já trouxe até o movimento anti-globalização. Os anarquistas permanecem estranhos, surpreendentes e perigosos! Estamos aqui, heterotópicos!

